Jornal agroin® agronegócios

225ª EDIÇÃO - 15 DE MARÇO DE 2022.

edição especial CRISE DE FERTILIZANTES

O Jornal do Agronegócio Brasileiro. Agricultura, Pecuária, Meio Ambiente, Indústria, Energia e Turismo

GUERRA PODE LEVAR BRASIL A VENDER MAIS FRANGO PARA ÁRABES E EUROPEUS

ABPA, entidade que reúne a indústria, avalia que produto brasileiro pode ocupar espaços onde a Ucrânia está entre os principais concorrentes.

Foto: Divulgação

A guerra entre Rússia e Ucrânia, deve elevar ainda mais as compras de carne de frango brasileira por parte do mercado árabe, além de países da União Europeia. A Associação Brasileira de Preoteína Animal (ABPA), avalia que o o produto nacional tende a ganhar o espaço deixado pela Ucrânia, concorrentes nessas regiões.

Em fevereiro de 2022, da Emirados Árabes Unidos aumentaram em quase 90% as compras de frango brasileiro em comparação com o mesmo período em 2021, chegando a 42,8 mil toneladas. O volume superou até mesmo o comprado pela China, que teve redução no mês passado, de acordo com os números divlgados pela ABPA.

O diretor de mercados da associação, Luis Rua, acrescenta que a União Europeia, no ano passado, comprou cerca de 100 mil toneladas de carne de frango da Ucrânia, espaço que pode ser ocupado pelo produto brasileiro. E a Arábia Saudita, que vinha reduzindo suas compras, pode também voltar a comprar mais.

"A Ucrânia, que é um forte competidor do Brasil em destinos como a União Europeia, Arábia Saudita e países do Golfo, com o conflito, seguramente deixará de exportar os volumes habitualmente destinados a essas regiões", afirma Rua.

Segundo ele, os negócios fechados e a visibilidade alcançada pela proteína brasileira na Feira Gulfood, realizada em fevereiro, em Dubai, também devem contribuir com o aumento das exportações para os países árabes. Segundo a ABPA, as agroindústrias exportadoras da avicultura nacional devem realizar ao longo dos próximos 12 meses negócios que vão superar US$ 1 bilhão.

Continua na página 3.

RETENÇÃO DE BOVINOS LEVA A SEGUNDO ANO SEGUIDO DE QUEDA NO ABATE

"O resultado representa o segundo ano consecutivo de queda, dando sequência ao cenário de retenção de animais observado desde o início de 2020", apontou o IBGE, em nota sobre a pesquisa. *Página 6.*

GUERRA AMEAÇA SEGURANÇA ALIMENTAR MUNDIAL, DIZ G-7

Ministros da Agricultura dos sete países mais ricos do mundo expressaram "grave preocupação" com os efeitos da ofensiva militar da Rússia na Ucrânia. *Página 6.*

UFPR DESENVOLVE FERTILIZANTE À BASE DE CASCA DE OVO E TELHA DE AMIANTO

Página 7.

MERCADO DE AGROQUÍMICOS PARA SOJA CHEGA A R$ 31,4 BILHÕES

Página 3.

CANADÁ ABRE MERCADO PARA A CARNE BOVINA E SUÍNA DO BRASIL

Página 5.

agroideias

*Por Fabiano Reis**

MERCADO DO BOI GORDO SEGUE FIRME ALICERÇADO NAS EXPORTAÇÕES

Um fator precisa ficar claro para o produtor rural brasileiro, em essencial, para o pecuarista: A China não para de comprar carne bovina e nem de elevar o volume e preços pagos pela tonelada. O cenário é muito positivo para quem produz animais no padrão pedido pelo país asiático, com frigoríficos em forte desempenho de rentabilidade e capaz de pagar valores mais altos (chegaram a R$ 360 por arroba em São Paulo entre os dias 8 e 11 de março), mas diferente para as regiões não atendidas por este perfil de indústria.

Há uma trama bem definida quando falamos da relação na cadeia produtiva da carne bovina, em especial a que tem o consumidor chinês como último elo. O momento é claramente favorável ao pecuarista não existe oferta expressiva de boiadas prontas para o abate. O produtor rural adota como estratégia negociar em "conta-gotas", com melhor aproveitamento das janelas de negociação. Neste modelo, a indústria frigorífica segue com forte dificuldade de esticar suas escalas. O resultado é evidente: melhor capacidade de gestão nas fazendas, somada a demanda externa alta, resulta em cotações em elevação. O que não deve mudar.

Por definição, a formação de escalas para indústria é uma das melhores ferramentas para atuar no mercado de compra de bovinos para abate. Claro, quando as escalas estão alongadas, bem formadas. Entretanto, não é o que se tem hoje e, provavelmente, nem vai ter. Há um nível de profissionalização bem mais elevado na pecuária brasileira tanto na produção, quanto na comercialização.

A média de dias garantidos de trabalho na indústria frigorífica brasileira está em torno de sete dias, um número baixo e conquistado através da oferta de preços melhores pela arroba do gado pronto. Em Mato Grosso do Sul a média se encontra em quatro dias escala.

O principal efeito do cenário descrito é a diluição rápida de qualquer pressão baixista, quando exercida pela indústria. Na última terça-feira, do dia 8 de março, houve um movimento. Ofertas menores pelo boi pronto. Entretanto, não houve negócios, os pecuaristas saíram do mercado e a indústria sentiu a pancada e voltou a ofertar melhor no dia posterior.

Os preços praticados estão em R$ 349 por arroba em São Paulo (picos de R$ 360); valores médios de R$ 318/@ em Mato Grosso do Sul. A questão é atingir preços melhores com um mercado interno cambaleante.

É fato. O consumo interno segue muito corrompido. Apesar de ter havido um ensaio de recuperação para o brasileiro médio e, com isso, uma elevação na aquisição de carne bovina. O acumulado de inflação aponta para um cenário muito desafiador agora, principalmente depois do fator geopolítico causado pela invasão russa à Ucrânia. Inegável. Os efeitos negativos, principalmente inflacionários, são evidentes e vão seguir atuando.

Com o somatório descrito acima, a expectativa é mercado para gado gordo firme e com tendência de pequenas elevações, contidas pelo poder de compra da população brasileira.

*(*) **FABIANO REIS** é Jornalista, Mestre em Produção e Gestão Agroindustrial. Facebook e Instagram: @fabianosreis*

agroin® comunicação

JORNAL AGROIN AGRONEGÓCIOS
Circulação MS

ANO XVI - Nº 225
15 de Março de 2022

Diretor:
WISLEY TORALES ARGUELHO
wisley@agroin.com.br - 67 9.9974-6911

Jornalista Responsável:
ELIANE FERREIRA / DRT-MS 152
agroin@agroin.com.br

Direto à Redação:
SUGESTÕES DE PAUTA
agroin@agroin.com.br - wisley@agroin.com.br

Representante PR:
GUERREIRO AGROMARKETING
Rua Humaitá, 452, Sala 103,
Centro Empresarial Dalla Costa, Maringá-PR.
glaucia@guerreiro.agr.br - 44 9 9180-4450.

O Jornal Agroin Agronegócios é uma publicação de responsabilidade da Agroin Comunicação.

Tiragem:
Versão Impressa: 9.000 exemplares
Versão Digital: 127.391 e-mails válidos

Redação, Publicidade e Assinaturas
Rua 14 de Julho, 1008 Centro
CEP 79004-393, Campo Grande-MS
Fone: (67) 3043-3569
wisley@agroin.com.br
www.agroin.com.br

AGROIN COMUNICAÇÃO
Não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nas entrevistas ou matérias assinadas.

FERTILIZANTES: BRASIL PODE TER MAIS OFERTA, MAS SERÁ DIFÍCIL SUBSTITUIR RÚSSIA

Grupo de pesquisa de Universidade americana avalia que aumentar oferta e redirecionar cadeia de suprimentos não é tarefa fácil

A dependência norte-americana de fertilizantes importados é menor do que a brasileira em nitrogênio e fosfato e maior em potássio, segundo o professor Gary Schnitkey, do Farmdoc da Universidade de Illinois, um grupo de economistas agrícolas do Meio-Oeste dos Estados Unidos. No caso do nitrogênio, os EUA importam 12,5% do que consomem, e o Brasil, 95%. Para o fosfato, o volume importado pelos EUA é de 9% do consumo, enquanto no Brasil chega a 75%. Já para o potássio, os EUA importam 93% do que consomem, e o Brasil, 91%.

"Se existir uma ruptura com a Rússia com sanções, isso vai elevar preços nos dois lugares, mas o impacto mais direto com relação a questões de suprimento da Rússia é maior no Brasil do que nos EUA", disse Schnitkey, em entrevista coletiva, se referindo ao nitrogênio. No caso do fosfato, a situação é similar.

Quanto ao potássio, o Canadá é o maior fornecedor tanto dos EUA quanto do Brasil, e Schnitkey sinalizou que há limites sobre como o país pode aumentar ou redirecionar a sua oferta. O Ministério da Agricultura vem negociando aumentar as importações do Canadá.

"Preparar-se para produzir mais fertilizantes não é uma coisa rápida a se fazer. Há muitos custos fixos associados com as operações de mineração. Tenho certeza de que o Canadá e outros vão aumentar os níveis de produção, mas outra questão é que a cadeia de suprimentos não está preparada para seguir esse caminho (aumentar o fluxo para o Brasil)", disse.

"Refazer a cadeia de suprimentos para mudar tão rapidamente, como vimos com o covid-19, não é uma coisa fácil a fazer. (...) O Brasil obviamente vai ter mais oferta, mas não vejo como poderia obter o que era produzido na Rússia."

GUERRA PODE LEVAR BRASIL A VENDER MAIS FRANGO PARA ÁRABES E EUROPEUS

CONTINUAÇÃO DA CAPA

Foto: Divulgação

O diretor da ABPA cita outro fator que pode beneficiar as exportações brasileiras de carne de aves neste ano: o país nunca registrou nenhum caso de Influenza Aviária, doença que vem se espalhando pelo mundo e somando casos nos Estados Unidos e na Europa.

Segundo os dados divulgados pela ABPA, em fevereiro, o aumento geral das exportações de frango, considerando todos os produtos in natura e processados, foi de 7,4%, chegando a 374,5 mil toneladas e uma receita de US$ 663 milhões, ou 27,1% a mais. No bimestre, houve alta de 13%, com 723,7 mil toneladas e receita US$ 1,280 bilhão, alta de 33,9%.

OTIMISMO NO MERCADO HALAL - Ahmad Saifi, diretor de operações da Cdial Halal, certificadora de produtos halal (permitidos para consumo dos muçulmanos) que atua no Brasil, explica que os Emirados Árabes estão assumindo papel de liderança como destino das exportações brasileiras de frango porque funcionam como uma espécie de hub internacional, que redireciona produtos para outros países do mundo árabe.

Com cerca de 76% de muçulmanos em sua população, os Emirados Árabes Unidos, assim com outras regiões do Oriente Médio, consomem muitos produtos halal, conceito que significa lícito, permitido pelo Alcorão e que permeia não apenas as carnes, como o arroz, alimentação animal, sucos, lubrificantes, cosméticos, embalagens, fármacos e sanitizantes, entre outros produtos.

"A exigência de produtos halal vem aumentando nos últimos anos porque o consumidor cada vez mais quer saber o que está consumindo e a população muçulmana é a que mais cresce no mundo", diz Saifi, explicando que, enquanto os países do Ocidente reduzem o número de filhos, os árabes consideram a quantidade de filhos uma questão de fartura e tem cinco ou mais crianças.

As vendas halal, segundo Saifi, não se limitam aos países árabes, já que mais de 1,8 bilhão de muçulmanos estão espalhados pelo mundo e a certificação já é encarada também por não muçumanos como uma forma de garantir a segurança dos alimentos e produtos, pois exige boas práticas.

O mercado halal no mundo cresce de 12% a 20% ao ano, segundo o diretor da Cdial Halal, e deve passar de US$ 5 trilhões até 2024. "O Brasil, como maior exportador de produtos halal do mundo, especialmente carnes bovina e de aves, tem protagonismo nesse mercado." No ano passado, os embarques brasileiros halal subiram 25% na comparação com 2020.

No Brasil, que tem cerca de 1 milhão de muçulmanos, o diretor diz que ainda falta conscientização das empresas para anexar o selo halal confirmando a saudabilidade de seus produtos.

PATO TAMBÉM PODE GANHAR MERCADO - No primeiro bimestre, os Emirados Árabes Unidos, junto com Catar, Kuwait e Árabia Saudita, também estiveram entre os principais importadores da carne de pato da Vila Germania, a maior produtora e exportadora dessa proteína do país. Foram embarcados R$ 8 milhões em produtos para clientes novos e R$ 3 milhões para os tradicionais, segundo o diretor comercial Alexandre Almeida. Toda a exportação atende ao padrão halal.

A empresa de Indaial (SC), que estreou estande na Gulfood neste ano e fechou vendas de mais de R$ 20 milhões na feira, projeta um aumento de exportações de 40% neste ano em relação a 2021.

No início deste mês, a Germania obteve a certificação do Programa Orgânico Nacional (NOP, na sigla em inglês), administrado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) para comercializar também frango orgânico para diversos países, incluindo os do Oriente Médio, que aceitam a certificação americana.

Segundo o diretor comercial, o plano agora é trabalhar mais próximo das redes de hipermercados e supermercados especializados em produtos orgânicos no mercado externo para elevar as vendas de cortes nobres que agregam valor para a empresa e os clientes.

MERCADO DE AGROQUÍMICOS PARA SOJA CHEGA A R$ 31,4 BI

O mercado brasileiro de defensivos agrícolas para a soja faturou R$ 31,4 bilhões na temporada 2020-21, aponta recém-concluído estudo da consultoria Spark Inteligência Estratégica. O resultado representou alta de 17% ante o ciclo 2019-20 (R$ 26,7 bilhões).

A expansão se deve, em grande parte, ao crescimento na área plantada de 5% na safra 2020-21, para acima de 38 milhões de hectares. Com isso, a soja seguiu na posição de principal mercado do setor de defensivos agrícolas, de acordo com o BIP (Business Inteligence Panel).

De acordo com o coordenador de projetos da Spark, Lucas Alves, o segmento de fungicidas liderou novamente a comercialização de agroquímicos para soja, com 41% das vendas ou R$ 12,8 bilhões. Desse montante, produtos voltados ao controle da ferrugem asiática ou ferrugem da soja movimentaram R$ 9 bilhões, uma elevação de 10% comparada à safra 2019-20. Os fungicidas como um todo tiveram alta da ordem de 13%.

Os dados do BIP Spark por categoria de produtos mostram o segmento de inseticidas na segunda posição do ranking, com 25% de participação e vendas de R$ 7,880 bilhões, uma variação positiva aproximada de 23% ante o ciclo anterior (R$ 6,39 bilhões). Já os herbicidas ocuparam a fatia de 22% do total. A comercialização destes produtos chegou a R$ 6,940 bilhões, cerca de 19% acima do período 2019-20 (R$ 5,79 bilhões).

Ainda de acordo com a Spark, produtos para tratamento de sementes, com 8% das vendas totais, avançaram 13,5%, para R$ 2,427 bilhões, contra R$ 2,138 bilhões. Outros produtos, que equivaleram a 4% do mercado de agroquímicos para soja, fecharam a safra 2020-21 com crescimento de 20%, para R$ 1,361 bilhões ante R$ 1,129 bilhões.

De acordo com Lucas Alves, a ferrugem asiática constitui hoje a preocupação central do sojicultor na safra. A doença identificada em 2001, explica ele, representa risco elevado à produtividade e enseja diferentes estratégias de manejo, sobretudo em virtude do desenvolvimento de resistência, pelo fungo causador da ferrugem (Phakopsora pachyrhizi), a determinados ingredientes ativos de fungicidas.

"Esse cenário elevou a taxa de utilização dos 'fungicidas multissítios' de 6% na safra 2014/15 (R$ 75 milhões), para 70% no ciclo 2020-21 (R$ 2,5 bilhões). Mais de 26 milhões de hectares da oleaginosa receberam tratamentos com esses produtos na última safra", enfatiza Alves.

Ele acrescenta que os 'multissítios' são empregados, principalmente, no manejo de resistência do fungo Phakopsora pachyrhizi. A prática consiste na alternância da aplicação de fungicidas com diferentes modos-de-ação, e preserva a eficácia das tecnologias no controle da doença.

A Spark realizou pesquisa com mais de 3,8 mil entrevistas junto a produtores rurais das principais regiões produtoras da oleaginosa no Brasil.

GREVE DE FERROVIÁRIOS AMEAÇA FERTILIZANTES NO CANADÁ, UM DOS MAIORES FORNECEDORES DO BRASIL

Paralisação pode ocorrer em 16 de março. Canadense Nutrien pediu apoio do governo para garantir o transporte pela ferrovia

Foto: Divulgação

Uma das maiores ferrovias do Canadá está em vias de sofrer com uma greve de funcionários que pode afetar o transportes de empresas como a Nutrien, a maior produtora de fertilizantes do mundo. Cerca de 3 mil trabalhadores da Canadian Pacific Railway votaram por uma paralisação prevista para começar no dia 16 de março.

Em comunicado divulgado em seu site oficial, o Teamsters Canada Rail Conference, que reúne a representação dos trabalhadores, informou que a greve foi aprovada por 96,7% dos votos da categoria, insatisfeita com os salários e outras questões trabalhistas, como benefícios e pensões. A expectativa é de que haja conversas com mediadores federais, mas a uma paralisação, se necessária, deverá ocorrer.

Maior produtora de fertilizantes do mundo, a Nutrien pediu ao governo canadense que solucionasse a questão interrompendo a greve, de acordo com o informações da agência Bloomberg. A empresa alega que a interrupção do transporte de adubo às vésperas do plantio de primavera no país pode provocar redução da produção e alta nos preços de alimentos.

A situação ocorre em meio a incertezas na cadeia produtiva de fertilizantes, que vem desde o início da pandemia de Covid-19, passando por sanções a Belarus e, mais recentemente, com a guerra entre Rússia e Ucrânia. Os preços internacionais de fertilizantes estão em patamares significativamente elevados, diante dos problemas no quadro de oferta e demanda.

"Ficaríamos muito desapontados ao ver uma disputa trabalhista ter um impacto tão significativo nas cadeias de suprimentos agrícolas globais e, consequentemente, esperamos que o governo canadense considere intervir para evitar outra crise de transporte", alegou a Nutrien, de acordo com o divulgado pela Bloomberg.

De acordo com seu site oficial, a Canadian Pacific Railway opera no transportes de diversas cargas agrícolas. Além de fertilizantes, menciona etanol, grãos, alimentos e produtos florestais.

CANADÁ É UM DOS PRINCIPAIS FORNECEDORES DO BRASIL - O Canadá é o segundo maior fornecedor de fertilizantes do Brasil. De acordo com dados da Secretaria de Comércio Exterior, do Ministério da Economia, o mercado brasileiro importou dos canadenses o equivalente a US$ 1,1 bilhão no ano passado, atrá apenas da Rússia, com US$ 2,2 bilhões. Em seguida, aparecem China (US$ 706 milhões) e Marrocos (US$ 687 milhões).

Em valor de mercado, a Nutrien é a maior empresa de fertilizantes do mundo. A companhia vale US$ 52,3 bilhões. Em seguida, aparece a Wesfarmers, com US$ 40,7 bilhões em valor de mercado, seguinda pela Sfco, da Arábia Saudita, com valor de mercado de US$ 23,3 bilhões. A americana Mosaic, quarta maior do mundo, tem valor de mercado de US$ 22 bilhões.

FALTA DE NAVIOS ENCARECE FERTILIZANTES E DIFICULTA IMPORTAÇÃO DO INSUMO

Análise feita por professores do Farm.Doc, da Universidade de Illinois, alerta para alta nos preços dos alimentos em decorrência da falta de navios

Os reflexos da pandemia se cruzam com os novos problemas causados pela guerra entre Rússia e Ucrânia, no que diz respeito à logística para exportações e importações. A corrida por fertilizantes levou a ministra da Agricultura, Tereza Cristina, a viajar ao Canadá, maior produtor mundial de potássio, para tentar garantias de abastecimento. No entanto, a falta de navios no cenário global, ainda devido à pandemia, pode dificultar a comercialização do insumo.

"A dificuldade para o Brasil esbarra na logística", afirma Scott Irwin, coordenador do Farmdoc - projeto da Universidade de Illinois voltado à análise agrícola. Ele lembra que a pandemia alterou a demanda nos portos, os preços de embarcação e a disponibilidade de navios.

Foto: Divulgação

Gary Schnitkey, economista e professor de Gestão Agrícola da Universidade de Illinois, acrescenta que a reorganização das embarcações leva tempo e isso pode causar "problemas logísticos que nem podemos imaginar".

"A Rússia é um dos maiores provedores de gás natural da Europa e o fornecimento do gás impacta a logística das embarcações. Energia tem um alto impacto para o custo do transporte e isso pressiona o preço dos alimentos", diz.

Embora o cenário esteja incerto, os pesquisadores concordam que a solução mais fácil para o Brasil manter seus estoques de potássio é estreitar a relação com o Canadá, que responde por 33% da oferta mundial do fertilizante. Ainda assim, há um teto do volume que poderá ser ofertado, pois "aumentar a produção de fertilizantes não é algo rápido de se fazer", conforme disse Scott Irwin.

Outro ponto comentado pelos pesquisadores se refere à produção de trigo. Com uma produção em 6,7 milhões de hectares, a Ucrânia é um dos principais players do cereal de inverno até o momento. O ponto sensível é que o calendário de plantio no país segue o Hemisfério Norte, cuja época de plantio é entre abril e maio, mas o avanço da guerra tem destruído campos antes férteis.

"Muitas áreas produtivas estão em zona de conflito no sul da Ucrânia. A grande discussão é se a Ucrânia conseguirá manter a produção do trigo e como isso impacta outros países produtores, como o Brasil. Quanto mais demorar o conflito mais estas áreas serão degradadas", conclui Irwin.

CANADÁ ABRE MERCADO PARA A CARNE BOVINA E SUÍNA DO BRASIL

Com isso, o Brasil ultrapassou a marca de 200 novos mercados externos para produtos agropecuários abertos desde o início de 2019

Canadá autorizou o início da importação de carne bovina e suína in natura do Brasil. O anúncio foi feito dia 14, pela ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Tereza Cristina, que está em viagem ao Canadá. Com isso, o Brasil ultrapassou a marca de 200 novos mercados externos para produtos agropecuários abertos desde o início de 2019.

A ministra Tereza Cristina comemorou a conquista. "Essa abertura de mercado faz com que a gente ultrapasse os 200 mercados por mim estipulados no Ministério da Agricultura e também é uma notícia muito boa para os frigoríficos brasileiros que podem empregar e trazer renda para o interior do nosso país", disse ao sair do encontro com o vice-ministro canadense.

O secretário de Comércio e Relações Internacionais do Mapa, Orlando Leite Ribeiro explica que, levando em conta o market share do Brasil para esses dois produtos é possível estimar exportações da ordem de US$ 150 milhões por ano. "Tendo presente que o Canadá não tem imposto de importação para suínos, esse é um mercado que pode ir além do market share basileiro. No caso de carne bovina, existe uma alíquota de cerca de 26,5% de importação, mas podemos ter acesso àquele mercado via uma quota da OMC de 76,4 mil toneladas, com tarifa de 0%".

Tereza Cristina se reuniu hoje com o Vice-Ministro da Agricultura do Canada, Paul Samson. No encontro, foram tratados temas como sustentabilidade e cooperação entre os dois países na área de pesquisa e

Foto: Divulgação

tecnologia. Tereza Cristina destacou que Brasil e Canadá são líderes comprometidos com uma agricultura segura, baseada na ciência e sustentável e lembrou a atuação do Brasil durante a Cúpula de Sistemas Alimentares da ONU e a COP26.

Também participaram da reunião o embaixador do Brasil no Canadá, Pedro Borio; o diretor da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República, Bruno Caligaris, e o adido agrícola em Ottawa, Paulo Márcio Araújo.

FERTILIZANTES - Na viagem a Ottawa estão previstas reuniões com presidentes de empresas produtoras e exportadoras de potássio instaladas no país para conversar sobre a possibilidade de aumentar as exportações de potássio para o Brasil.

Hoje a ministra terá reuniões com os presidentes das empresas Gensource, Nutrien, Canpotex e Fertilizer Canada. Ontem (13), Tereza Cristina se reuniu com a diretoria da Brazil Potash,empresa brasileira privada, de capital fechado, controlada por investidores brasileiros e estrangeiros. Ela destacou a dependência do Brasil da importação de fertilizantes e a necessidade de expandir a importação neste momento.

"Para que o Brasil continue aumentando sua oferta de alimentos e para contribuir com a segurança alimentar do Brasil e do mundo, precisaremos de suprimentos adequados desse insumo. Isso não significa apenas assegurar os níveis atuais de compras, mas expandi-los".

O prefeito de Autazes (AM), Andreson Cavalcante, também participou do evento, ressaltando que existe a boa vontade do governo municipal para que o projeto de exploração de potássio no município aconteça.

CONGRESSO BRASILEIRO DE DIREITO DO AGRONEGÓCIO
6 de abril 2022
EVENTO ONLINE GRATUITO
IBDA

No próximo dia 06 de abril, o Instituto Brasileiro de Direito do Agronegócio – IBDA promoverá a segunda edição do **Congresso Brasileiro de Direito do Agronegócio**.
O evento evidenciará a importância do debate dos desafios jurídicos e regulatórios dos Sistemas Agroindustriais (SAGs), a fim de sustentar a competitividade do setor em uma economia global e corroborar para o seu desenvolvimento mercadológico e tecnológico.
Durante o Congresso, serão tratados assuntos como: Segurança Jurídica; Licenciamento e Compliance Ambiental; Regularização Fundiária; Defensivos Agrícolas e Crédito Privado, Seguro e ESG.

FAÇA SUA INSCRIÇÃO GRATUITA E PARTICIPE!

Patrocínio Ouro
MATTOS FILHO > Mattos Filho, Veiga Filho, Marrey Jr e Quiroga Advogados
PINHEIRO NETO ADVOGADOS
VBSO ADVOGADOS
Patrocínio Prata
BAYER
BM Bueno Mesquita
CORTEVA agriscience
CropLife BRASIL
FRANCO LEUTEWILER HENRIQUES ADVOGADOS
Itaú BBA
Marsh
SANTOS NETO
SistemaOCB
YARA Knowledge grows
Apoio Institucional
abag
ABIMAQ
CSMIA
agro school
andav
CAMARB
FGV EESP
GETA
IBDE
Sociedade Nacional de Agricultura
SRB
STJ SUPERIOR
MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO
PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL

INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES
www.congressodireitoagro.com.br

RETENÇÃO DE BOVINOS LEVA A SEGUNDO ANO SEGUIDO DE QUEDA NO ABATE

De acordo com o IBGE, foram abatidos 27,54 milhões de cabeças

Os produtores brasileiros abateram 27,54 milhões de cabeças de bovinos em 2021, um recuo de 7,8% em relação ao ano anterior, segundo os dados das Pesquisas Trimestrais do Abate de Animais, do Leite, do Couro e da Produção de Ovos de Galinha, divulgados no último dia 15, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

"O resultado representa o segundo ano consecutivo de queda, dando sequência ao cenário de retenção de animais observado desde o início de 2020", apontou o IBGE, em nota sobre a pesquisa.

O único mês com aumento no volume abatido em relação ao mesmo período do ano anterior foi dezembro, 39,89 mil animais a mais, enquanto a queda mais intensa foi registrada em setembro, 650,79 mil cabeças a menos, em virtude do início do embargo às exportações brasileiras por conta dos casos atípicos de encefalopatia espongiforme bovina, em Mato Grosso e em Minas Gerais, ressaltou o IBGE.

"A valorização recorde dos preços médios dos bezerros e da arroba bovina estimularam a retenção de fêmeas para atividades reprodutivas. O total de fêmeas abatidas ao longo de 2021 (9,31 milhões de cabeças) foi o menor constatado desde 2004", acrescentou o instituto, na nota.

No ano, o abate de 2,34 milhões de bovinos a menos em relação a 2020 foi resultado de retrações em 23 das 27 Unidades da Federação. Os decréscimos mais expressivos ocorreram em Mato Grosso (-633,91 mil cabeças), Mato Grosso do Sul (-433,89 mil), Rio Grande do Sul (-299,46 mil), Paraná (-238,96 mil), São Paulo (-228,78 mil) e Minas Gerais (-74,08 mil). Por outro lado, as variações positivas mais relevantes ocorreram em Goiás (+176,46 mil), Tocantins (+55,13 mil) e Pará (+40,90 mil).

Foto: Divulgação

Mato Grosso manteve a liderança no ranking de abate bovino, com 16,2% da participação nacional em 2021, seguido por Goiás (10,8%) e Mato Grosso do Sul (10,7%).No quarto trimestre de 2021, foram abatidas 6,90 milhões de cabeças de bovinos sob algum tipo de serviço de inspeção sanitária, queda de 6,4% ante o quarto trimestre de 2020. Em relação ao terceiro trimestre de 2021, houve redução de 0,9%. Segundo o IBGE, o abate de bovinos não descia a níveis tão baixos para quartos trimestres desde o ano de 2008.

GUERRA AMEAÇA SEGURANÇA ALIMENTAR MUNDIAL, DIZ G-7

Ministros da Agricultura dos sete países mais ricos do mundo expressaram "grave preocupação" com os efeitos da ofensiva militar da Rússia na Ucrânia

Por ESTADÃO CONTEÚDO

Os ministros da Agricultura do G-7 expressaram "grave preocupação" com os efeitos da ofensiva militar russa na Ucrânia para a segurança alimentar global e se comprometeram a apoiar agricultores ucranianos a alimentarem sua população. Em comunicado após reunião ocorrida dia 11/3, o grupo condenou a decisão de Moscou de invadir o país vizinho, com apoio de Belarus, em um ataque classificado como "injustificado e não provocado".

"Continuamos determinados a fazer o que for necessário para prevenir e responder a uma crise alimentar, inclusive com ajuda humanitária, e estamos prontos para agir conforme necessário para lidar com possíveis gargalos", ressalta a nota.

Os ministros reforçaram que a situação agrava o já difícil quadro causado pela pandemia de covid-19, as mudanças climáticas e as perdas de biodiversidade. Segundo eles, desequilíbrios de oferta podem acelerar a escalada dos preços de commodities agrícolas e afetar a segurança alimentar em países vulneráveis.

Foto: Divulgação

"Dado que a Ucrânia é o quarto maior fornecedor de trigo e produz metade das exportações mundiais de óleo de girassol, isso também terá impactos globais nos sistemas alimentares e na insegurança alimentar", enfatizaram.O G-7 é composto por Canadá, França, Alemanha, Itália, Japão, Reino Unido e Estados Unidos, com representação da União Europeia.

PESQUISADOR DA UFPR DESENVOLVE FERTILIZANTE À BASE DE CASCA DE OVO E TELHA DE AMIANTO

Projeto foi realizado no Laboratório de Química de Materiais Avançados (Laqma) da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e utiliza processo de moagem química e mecânica para obter fósforo, cálcio e potássio

Uma técnica de produção de fertilizante ecológico à base de casca de ovos, desenvolvida pelo pesquisador Roger Borges na Universidade Federal do Paraná (UFPR), poderá contribuir para a redução da importação de adubos e fertilizantes químicos pelo Brasil que, no ano passado, somou US$ 15,2 bilhões, um aumento de 90% em comparação a 2020.

De acordo com dados da balança comercial brasileira, da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), os fertilizantes foram os produtos mais importados pelo país, na indústria de transformação. Em termos de quantidade, o Brasil importou 41,5 milhões de toneladas de fertilizantes, com expansão de 22%.

Pesquisador atualmente da Embrapa Instrumentação, Roger Borges disse à Agência Brasil que a técnica foi desenvolvida a partir da utilização de telha de amianto para produzir fertilizante ecológico. "Utilizamos resíduos que não são usados, como as cascas de ovos, ricas em cálcio, ou amianto, que é um resíduo tóxico". Conhecendo os componentes químicos da casca de ovo, os pesquisadores da UFPR pensaram em produzir um fertilizante que não prejudicasse o meio ambiente e que, ao mesmo tempo, fosse benéfico para a agricultura.

O projeto foi desenvolvido no Laboratório de Química de Materiais Avançados (Laqma) da UFPR. A técnica utiliza um processo de moagem mecanoquímico, em que os materiais reagem para formar novos produtos por meio da energia térmica e de fricção da própria moagem. A casca do ovo é colocada em um moinho de esferas de alta energia, juntamente com fosfatos de potássio, que reagem para formar novos compostos capazes de fornecer fósforo, cálcio e potássio, três componentes essenciais para o desenvolvimento das lavouras, informou a universidade.

MISTURA - A forma industrial proposta pelos pesquisadores para produzir fertilizante ecológico é usar mais de um componente. "A composição principal, tanto do amianto, quanto da casca de ovos, é carbonato de cálcio ($CaCO_3$)", explicou Borges. A produção industrial prevê misturar casca de ovos com amianto e outros elementos, como fosfato de potássio. "No final, a gente tem um fertilizante que poderá ser usado e não representa nenhum perigo, igual ao feito com amianto, por exemplo". Segundo o pesquisador, para ser usado sozinho, o amianto precisa passar por tratamento de moagem.

Foto: Divulgação

Os pesquisadores deram entrada no Instituto Nacional da Propriedade Industrial (Inpi) com dois pedidos de patentes envolvendo o tratamento do amianto e da casca de ovos para a produção de fertilizantes ecológicos. "A gente está desenvolvendo o produto com o objetivo de venda no mercado".

Na avaliação de Roger Borges, a principal economia na utilização desses fertilizantes é que o aproveitamento é melhor, uma vez que vai se usar menor quantidade do produto e garantir a mesma produção agrícola, comparado com o fertilizante tradicional encontrado no mercado. Há vantagens também ambientais, que incluem a reutilização de materiais não descartáveis, como o amianto, que por sua toxicidade requer aterros próprios para sua estocagem ou é jogado em lixões, o que demanda dinheiro para o funcionamento desses locais. Retirando do lixo esses materiais, Borges afirmou que se consegue convertê-los em valores positivos.

Existem duas classificações básicas: rejeito e resíduo. No caso do amianto, que é rejeito tóxico, os pesquisadores conseguem transformá-lo em um subproduto, depois que ele é tratado. A casca de ovos, por sua vez, é considerada resíduo. Embora não represente nenhum perigo, consegue-se também direcionar o material para ter um subproduto. Além disso, o carbonato de cálcio é uma fonte importante de cálcio que pode ser usada como substituição de calcário, tanto no caso do amianto, como no da casca de ovos. Borges reiterou que fertilizantes produzidos a partir de resíduos ou rejeitos apresentam maior eficácia agronômica quando comparados com fertilizantes convencionais.

PROCESSO - A vantagem de ser um processo a seco, sem necessidade de utilização de água, evita a necessidade de etapas dispendiosas de secagem, ao contrário de outros processos que usam a água como solvente. No produto final, todos os elementos químicos presentes apresentam alto valor agregado na agricultura, o que elimina a necessidade de purificação. Borges acrescentou que outra vantagem é a economia de produtos como o calcário, utilizado na produção de fertilizantes minerais por ser rico em cálcio, porque as reservas desses materiais são finitas, sendo essencial utilizá-las de maneira sustentável. Em 2020, as lavouras brasileiras usaram mais de 45 mil toneladas de calcário agrícola, boa parte dele resultante da exploração de reservas do país.

O professor Fernando Wypych, do Departamento de Química da UFPR, que orientou o projeto, informou que por ser menos solúvel em água, o novo fertilizante é mais sustentável, porque sua liberação é controlada. Ao contrário dos fertilizantes convencionais, que liberam os nutrientes de uma só vez, os de liberação controlada respondem aos estímulos das plantas (estimunoresponsáveis) e mantêm os teores constantes ao longo do ciclo de produção agrícola.

Wypych disse que a menor solubilidade do novo fertilizante feito à base de amianto ou de casca de ovos combate o problema da eutrofização gerada por produtos convencionais, que deixam as águas turvas, consumindo o oxigênio de rios e lagos e provocando a morte de peixes e outros animais aquáticos. A decomposição de todo esse material orgânico produz mau cheiro, além de gás carbônico e gás metano, principais gases do efeito estufa (GEEs).

A técnica cria ainda um subproduto que pode ser utilizado para a produção de hidroxiapatita, que é um material à base de fósforo e cálcio, utilizado para a produção de próteses ósseas e dentárias. Com maior valor agregado, a substância torna a aplicação mais atrativa comercialmente. A estimativa é que, anualmente, sejam produzidas quase 6 milhões de toneladas de cascas de ovos no mundo, segundo a universidade.

Curta nossa página no Facebook e acompanhe na time line da Agroin a evolução do Jornal Agroin Agronegócios

DESAFIOS DOS MERCADOS INTERNACIONAIS DE CARNES BRASILEIRAS

Pós-pandemia, confrontos internacionais e outros obstáculos que podem dificultar o acesso a novos espaços de comercialização de carnes do Brasil

A partir desta terça-feira (15/3), em São Paulo, o Pavilhão de Exposições do Anhembi reunirá vários especialistas para debates sobre temas voltados às questões sanitárias do rebanho nacional; à inspeção de produtos à base de carne; ao comércio internacional e à regulamentação de mercado dos produtos à base de proteína vegetal. Na abertura do Seminário sobre Defesa Agropecuária (Sedagro), as "Perspectivas dos mercados internacionais de carnes brasileiras em 2022" vão dominar as discussões do Painel 1, a partir das 15h.

O Seminário presencial é realizado pelo ANFFA Sindical - Sindicato dos Auditores Fiscais Federais Agropecuários, no Pavilhão de Exposições do Anhembi (SP), de 15 a 17 deste mês.

Autoridades no tema, como Antonio Camardelli, presidente da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (ABIEC), afirma que no atual cenário, o Brasil precisa de estratégias para esse momento de transição da pandemia. Segundo ele, uma importante parceria foi estabelecida com foco nesse trabalho, e já demonstra resultados. "Sabemos que atualmente é impossível exportar sem a chancela do governo. Assim, ao publicar o Decreto Presidencial de Essencialidade nº10.282/2020 e logo após a Portaria Interministerial nº19/2020, que trata do controle e mitigação dos riscos de transmissão da COVID-19 nas atividades desenvolvidas na indústria de abate e processamento de carnes e derivados, o governo contribuiu fortemente para a consolidação do Brasil como o principal exportador de proteína animal do mundo", avalia.

Camardelli avalia que a grande responsável pelo recorde de receita em exportações que o país atingiu em 2020, foi essa integração público-privada. "Entendemos que uma cadeia produtiva sem danos, e pronta para responder às demandas de países anteriormente provedores -- mas que em decorrência da Covid-19 passaram a demandar produtos de países como o nosso -- nos permitiu não apenas manter o atendimento aos mercados tradicionais como também expandir a variedade de produtos exportados" . De acordo com o diretor, baseado nesse trabalho será possível alcançar uma marca inédita de 2 dígitos em exportações, atingindo a cifra de U$ 10 bilhões em 2022.

Para Luis Rua, diretor de Mercados da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), o contexto de confrontos entre Rússia e Ucrânia, também se apresentam como desafios para a conquista de mercados internacionais de carnes brasileiras. O diretor informa que 2,5% do total de carnes de aves exportados pelo Brasil em 2021, o equivalente a pouco mais de 100 mil toneladas, foram importadas somente pela Rússia, mas acredita que o fechamento dos portos na Ucrânia e as dificuldades logísticas da Rússia vão contribuir para aumentar a demanda pelo produto brasileiro na Arábia Saudita, União Europeia e países do Golfo.

Leandro Feijó, da Secretaria de Comércio e Relações Internacionais do Ministério da Agricultura, Abastecimento e Pecuária (Mapa), antecipa que as principais negociações em curso e os desafios que podem influenciar nas exportações brasileiras de carnes serão apresentadas nesta terça-feira. "Também serão abordadas questões sanitárias em saúde pública e saúde animal, as barreiras de terceira geração, assim como sustentabilidade ambiental e bem-estar animal, que passam a influenciar nos processos de negociação, sejam na abertura/manutenção de mercados, assim como nos acordos de facilitação de comércio", destaca.

Os debates deste painel de abertura do Sedagro serão mediados por Janus Pablo, presidente do ANFFA Sindical. Para ele, o Seminário será uma oportunidade ímpar de interação entre o setor privado e os auditores fiscais federais agropecuários. Além disso, ressalta o alto nível dos conteúdos e a qualificação dos palestrantes convidados. "O conteúdo selecionado do painel, aliado à competência dos palestrantes, oferecem a oportunidade de se transmitir uma grande quantidade de informações em um momento inédito", enfatiza.